CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO de JOVENS e ADULTOS

CIÊNCIAS HUMANAS e suas TECNOLOGIAS >>

Filosofia

Fascículo 1
Unidades 1 e 2

Edição revisada 2016

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador
Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional
Cristine Costa Barreto

Elaboração
Bárbara Sales Castelhano
Marco Antonio Casanova

Atividade Extra
Bárbara Sales Castelhano
Carlos Henrique M. Veloso

Revisão de Língua Portuguesa
Paulo Cesar Alves

Coordenação de Design Instrucional
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional
Elaine Perdigão
Heitor Soares de Farias
Rômulo Batista
Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção
Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa
Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades
Andreia Villar

Diagramação
Alessandra Nogueira
Bianca Lima
Juliana Fernandes
Juliana Vieira
Patrícia Seabra
Ronaldo d' Aguiar Silva

Ilustração
Clara Gomes
Fernando Romeiro
Jefferson Caçador
Sami Souza

Produção Gráfica
Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 1 | Introdução à Filosofia **5**

Unidade 2 | Quem é o ser humano? **37**

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço: http://cejarj.cecierj.edu.br/ava

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

Quem é o ser humano?

Fascículo 1

Unidade 2

Fundação CECIERJ
Consórcio cederj

Quem é o ser humano?

Para início de conversa...

Como vimos, a Filosofia iniciou-se perguntando sobre a *natureza* das coisas do mundo. Os filósofos queriam explicar qual o princípio que fornece a identidade de cada ser. Um cavalo, uma pedra, um ser humano, uma árvore são seres distintos. No entanto, por mais que eles se transformem, eles continuam sendo o que são. Não é porque um cavalo se modifica que ele deixa de ser cavalo e se torna uma pedra. Antes disso, tudo indica que há no cavalo, assim como nos outros seres, alguma coisa que permite que haja transformação em seu ser sem destruição de suas particularidades. Esta natureza que sustenta cada ser, que os permite se transformarem e se preservarem sendo o que são, foi o objeto primeiro da Filosofia. É como se o filósofo se encantasse com a multiplicidade de seres do mundo, com suas transformações (devir) e com o fato de que, ainda que tudo mude, há algo que preserva cada ser sendo o que é. O que seria esse algo? Como podemos entendê-lo?

Aos poucos, os filósofos deslocaram sua atenção para o ser humano. Isto não é difícil de ser compreendido. Somos nós que admiramos o mundo. Somos nós, seres humanos, que perguntamos por que as coisas são do jeito que são e não de outro modo. Somos nós que criamos a Filosofia, assim como a poesia, os mitos e a religião. Por isso, nada mais justo do que a Filosofia concentrar-se, também, no ser humano e buscar entender sua essência e sua riqueza. Entretanto, se hoje, com o desenvolvimento de diversas ciências (como a medicina, a psicologia, a sociologia, a antropologia, dentre outras), nós possuímos muitos conhecimentos sobre o ser humano, não quer dizer que a Filosofia, ao longo de mais de 2.500 anos de existência, sempre tenha considerado o ser humano da mesma forma.

Nada disso. Muitos elementos que hoje acreditamos como constitutivos do homem não eram pensados antigamente pelos filósofos. O que atualmente chamamos *inconsciente* não era sequer mencionado pelos filósofos. Isso mostra que a maneira como o ser humano entende a si mesmo sofreu e ainda sofre variações ao longo da história. Dito de outra maneira: o modo como o homem se compreende é construído historicamente. A Filosofia nunca conheceu uma teoria que conseguisse responder, de uma vez por todas, quem é o ser humano. Estamos sempre questionando quem somos e dizendo de modo renovado quem é o ser humano. Nesse nosso estudo, entre outras coisas, iremos mostrar alguns modos e alguns conceitos que a Filosofia, ao longo da história da cultura ocidental, criou para entender quem é o homem.

Objetivos de aprendizagem

- Explicitar o modo mitológico de compreensão do ser humano;
- Caracterizar a definição grega de ser humano como animal racional;
- Definir a ideia medieval de ser humano como imagem e semelhança de Deus;
- Assinalar a compreensão moderna de ser humano como subjetividade autônoma;
- Apresentar o ser humano contemporâneo como ser de desejos e ser racional.

Seção 1
A explicação mitológica e o homem como ser racional entre os antigos

Como vimos na última aula, a Filosofia nasceu de uma ruptura com os mitos. Isto quer dizer que, antes mesmo de o homem grego questionar a realidade filosoficamente (racionalmente), ele encontrou diversas explicações para o mundo em que vivia. Os mitos, de algum modo, mesmo sem utilizar conceitos racionais, davam respostas a diversas indagações humanas: por que o mundo existe? Qual o sentido da vida? O que acontece após a morte? Por que existe o maremoto? Essas questões e outras encontravam nos mitos suas respostas. Neste sentido, o homem, primeiramente, pensou a si mesmo através dos mitos. Sua existência foi explicada diversas vezes por meio de forças divinas e personagens religiosos e, assim, o homem grego encontrava sentido em sua vida e conseguia lidar, de modo mais seguro, com seu dia a dia. Vejamos um desses mitos. Trata-se de um mito famoso chamado Fábula de Higino. Ela estruturou a compreensão dos romanos antigos, que era muito parecida com a dos gregos, sobre quem é o homem e qual o seu destino. Seus personagens correspondem a outros personagens presentes na cultura grega antiga:

> Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.
>
> Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.
>
> Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.
>
> Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.
>
> De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:
>
> "Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.
>
> Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.
>
> Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.
>
> E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*,que significa terra fértil.
>
> (Disponível em http://elogica.br.inter.net/lumigun/fabula.htm. Dia 4/07/2012)

Figura 1: O Júpiter de Esmirna (Museu do Louvre) com um dos seus atributos: o raio.

Esse é um mito que explica para o homem romano antigo diversos elementos importantes para sua vida. Nele, o ser humano é ser feito de barro (terra), o que mostra sua fragilidade, sua precariedade e mortalidade. Por sermos barro, devemos cuidar de nós mesmos, buscar meios que fortaleçam nossa condição frágil. No entanto, Júpiter, o deus criador das coisas, nos deu o espírito, o que indica um elemento divino e forte no próprio ser humano. É por causa do espírito que conseguimos viver de modo íntegro em nossa condição mortal. E quem decide o nosso nome (homem) é Saturno, deus do tempo e pai de Júpiter. É o deus do tempo que diz que somos feitos de barro e espírito e, assim, somos feitos de Humus, a terra fértil. Como o ser humano foi planejado pela mente do Cuidado, enquanto ele está na Terra, fica amparado pelo próprio Cuidado. Por isso, é o cuidado que nos faz viver a fragilidade de nossa condição mortal enquanto estamos vivos. Isto indica que, para que vivamos na Terra, é preciso cuidado constante, pois a fragilidade da nossa vida nos ameaça a todo instante.

Esse tipo de discurso, apesar de não ser filosófico, gerou para os antigos um modo de compreensão da natureza do homem. Com a Filosofia, rapidamente, esta maneira de entendimento da natureza humana se renovou. Foi o que aconteceu entre os gregos na época de Sócrates (469-399 a.C.). Eles começaram a perguntar *racionalmente* pela essência humana. Perguntar pela essência humana é perguntar por aquilo que diferencia os seres humanos de todos os outros seres do mundo: o que faz o ser humano ser quem ele é, diferente do cavalo, da pedra e dos deuses? Ao mesmo tempo, a essência do homem é aquilo que, se for retirado do ser humano, aniquila sua identidade. Se retirarmos do ser humano o seu cabelo ou se alguém ficar mais magro ou mais gordo, estas mudanças não mudam a sua essência. A pessoa não deixa de ser um ser humano. Mas, se retirarmos a essência, aí as coisas mudam completamente. Acaba-se com o homem. Foi assim que Sócrates e seu discípulo Platão (427-347 a.C.) enxergaram o ser humano: eles tentaram saber qual é a sua essência, qual é o elemento que, se for retirado do homem, destrói sua natureza.

Como já foi dito, os gregos se espantaram com o dinamismo e com a pluralidade dos seres do mundo. É como se eles achassem tudo isso um verdadeiro milagre. É claro que para nós, homens orientados pela ciência e pela tecnologia, o que encantava os gregos não chama mais a atenção. Apesar disso, devemos levar em conta que eles viveram em outro tempo e, por isso, tinham outro modo de compreender a realidade. Justamente esse modo singular de entender as coisas gerou uma concepção peculiar de ser humano. Por um lado, nós percebemos que as coisas mudam, se transformam e ganham, por isso mesmo, novas configurações. Uma semente se transforma e o caule surge. Logo depois, uma árvore nasce daquele caule. Quando madura, essa árvore pode deixar nascer frutos. O mesmo acontece com um rio. Ele nasce, suas águas fluem e ele desemboca no mar. Percebemos, por todos lados, o fluxo transformador de todas as coisas. Nós mesmos nascemos, crescemos e morremos. Por outro lado, por mais que tudo se transforme, a identidade de cada coisa de algum modo continua preservada. Quando um ser humano se transforma, ele não deixa de ser ser humano e se transforma em borboleta. Uma semente de limoeiro não se transforma em abacateiro. Isto mostra que nós captamos uma dimensão da realidade que se transforma e outra que é estável. É como se tivéssemos duas visões: uma vê a transformação das coisas; já a outra percebe algo constante, que fornece aos seres suas identidades. A partir dessa compreensão do mundo, que o divide em dimensão transitória e dimensão permanente, os gregos criaram seu modo de entendimento de quem é o ser humano. Vejamos o modelo que nasceu com a Filosofia de Platão.

Com Platão, os gregos antigos conseguiram encontrar **uma** resposta para a pergunta: quem é o homem? Assim como o mundo possui uma dimensão transitória e outra permanente, o homem, enquanto é um dos seres do mundo, também possui uma dupla dimensão. A dimensão transitória do homem é o corpo. Através do corpo, os seres humanos sentem os sabores dos alimentos, a espessura dos objetos, o cheiro das coisas, o som dos pássaros e, por meio da visão, vê as coisas ao seu redor. Isso quer dizer que o nosso corpo é composto por diversos sentidos: olfato, paladar, tato, audição e visão. Através dos sentidos, as coisas do mundo mostram sua transitoriedade. Em outras palavras: para os sentidos humanos, tudo flui, tudo se altera, nada é imutável. É o corpo, então, que se relaciona com a dimensão transitória do mundo. Mais: o nosso corpo é tão transitório quanto as coisas transitórias que ele capta. Se os nossos olhos veem uma flor nascer, crescer e morrer, o nosso corpo também nasce, cresce e morre. Neste sentido, o corpo humano é o que faz com que o ser humano seja mortal. Nós morremos porque o nosso corpo não é imutável. Ora, mas, como já foi dito, apesar de nós captarmos a transitoriedade das coisas pelos sentidos, de algum modo nós também percebemos no mundo algo de constante, algo que não é transitório. Captamos com os olhos uma criança ou uma obra de arte bela. Mas, a criança e a obra de arte não são eternas. Elas se transformam. A criança se transforma em adolescente e a obra de arte pode ser quebrada ou queimada por um incêndio. Mesmo que elas se transformem, a beleza não desapareceu por causa dessa transformação. Pelo contrário: nós continuamos a perceber a beleza em outras coisas: em poesias, nos carros, em outras pessoas etc. Isso quer dizer que a beleza não muda só porque os objetos belos mudaram. A essência de beleza não é transitória. Ora, se o nosso corpo só capta o que é transitório, como é que nós captamos o que não se transforma?

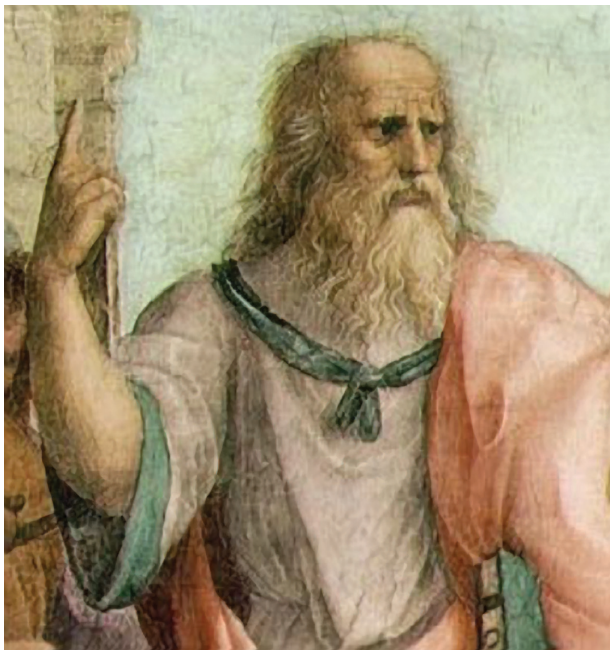


Figura 2: Platão. Detalhe da obra A *Escola de Atenas*, de Rafael. Na obra, Platão aponta o indicador para o alto: a inteligência filosófica deve desviar-se do mundo das aparências e voltar-se para a realidade das coisas eternas.

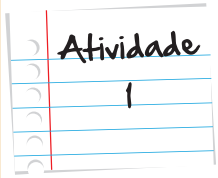
Platão entendia que o homem não é somente corpo. Há algo nele que não é transitório. Esse algo é a alma. Ela está no nosso corpo, mas não se confunde com ele. É ela que conhece a dimensão permanente da realidade. Se o corpo capta os seres transitórios por meio dos sentidos, a alma capta a essência eterna das coisas através da razão. Quando vemos uma pessoa agir de maneira justa, reconhecemos que aquela ação que os nossos olhos veem é justa, porque nossa razão conseguiu "enxergar" através daquela ação transitória a essência eterna da justiça. Se nossa razão conhece o que é a justiça, nossos olhos podem ver diversas ações humanas, que nós iremos reconhecer, por mais diferentes que elas sejam, se elas são justas ou não. Outro exemplo: os nossos sentidos podem captar diversas cadeiras de diferentes tipos: cadeira de madeira, cadeira de plástico, cadeira de ferro, cadeira grande, cadeira de balanço. No entanto, só sabemos que todos aqueles objetos que os nossos sentidos captam são cadeiras, porque nossa alma, através da razão, enxergou a essência eternal e universal da cadeira. Isso quer dizer que o nosso corpo capta o transitório, mas nossa razão consegue ir para além do transitório e captar o que é eterno.

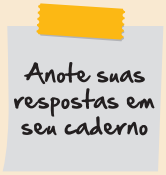
É fácil entender por que os gregos definiram o homem como *animal racional*. Ele é animal porque possui uma dimensão transitória, que nasce, cresce e morre. Essa dimensão possui sentidos e capta o mundo transitório. Essa dimensão não está presente somente nos homens. Outros seres (animais) também possuem essa dimensão. Cachorros e gatos, por exemplo, sentem cheiro, veem as coisas, ouvem barulhos de modo parecido com o ser humano. O que diferencia o homem dos outros animais é sua razão. Se o ser humano é constituído de corpo e de alma, o que o define como homem, que não está presente em outros seres vivos, é a alma racional. Por isso, o homem pensa, fala, cria obras de arte. Isso tudo não pode ser feito por gatos, peixes, cavalos, por mais que eles possam conhecer os objetos singulares através de seus sentidos. Se a razão é o que diferencia o homem dos demais animais, quanto mais ele orientar sua

vida pela razão, mais ele realiza sua essência. Podemos, então, dizer que, com os gregos, o ser humano se entendeu como um animal racional.

1. Segundo o que estudamos **anteriormente**, como você explicaria o modo grego de compreensão do ser do homem?

2. Por que Platão pensava a alma e a razão como as determinações essenciais do homem?





Seção 2
O homem medieval: imagem e semelhança de Deus

O homem medieval não enxergou o ser humano tão somente como animal racional. Isso porque o homem medieval era essencialmente religioso. Neste momento da história, o homem encontrou três grandes religiões para orientar sua vida: judaísmo, cristianismo e islamismo. Importa perguntar aqui pelo homem medieval cristão. Diferentemente dos gregos e romanos antigos, o homem cristão não pensou o ser humano somente através da razão. O cristianismo, como sabemos, orienta-se pela Bíblia, a Sagrada Escritura. Por outro lado, na Idade Média, o cristianismo sofreu grandes influências da Filosofia grega. Ainda hoje essa influência se manifesta. Por exemplo: vamos a uma Igreja participar de um culto ou missa de morte de alguém que conhecemos. O celebrante começa a falar de vida após a morte e diz que o corpo morre, mas a alma é imortal. Esse pensamento, que é comum a todas a tradições cristãs, surgiu no cristianismo por causa da influência do pensamento grego antigo. Como vimos, os gregos pensaram o ser humano como um corpo habitado por uma alma. O corpo é transitório e mortal e a alma é imortal. Por isso, com a morte, o corpo se deteriora e a alma sobrevive. Dessa concepção, surgiu, na Filosofia, a ideia de imortalidade da alma. Como o cristianismo medieval sofreu influência dos gregos, ele também pensou (e ainda pensa) que a morte do corpo não aniquila a alma, porque a alma sobrevive à morte. Ora, isso é um sinal de que o cristianismo medieval usou

a Filosofia e a Bíblia para pensar o ser humano. E disso surgiu uma ideia singular da natureza humana. Como, então, o homem medieval entendeu o ser humano? Vejamos alguns textos da Bíblia:

> Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, conforme a nossa semelhança; tenha ele o domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus , sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.
>
> Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.
>
> E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (Gênesis 1, 26-28)
>
> Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?
>
> Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.
>
> Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés:
>
> Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,
>
> As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.
>
> O SENHOR, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra! (Salmo 8, 4-9)

Para o homem medieval, o ser humano é *imagem e semelhança* de Deus. A *grandeza* de Deus de algum modo está presente no ser humano. É neste sentido que o ser humano é a "coroa da criação". Todas as criaturas foram criadas para que o homem as dominasse. Assim como Deus é Senhor e, por isso, está acima de toda criação, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, foi criado para dominar a criação. É ele que dá *nome* às criaturas e, assim, as usa em benefício próprio. Usa o boi, come a galinha, corta os galhos de uma árvore e constrói casas com pedras. Assim como Deus cria as coisas do mundo, o ser humano cria novas coisas a partir daquelas que encontra no mundo: moradia, arte, jogos. Ao mesmo tempo, o salmo reproduzido acima pergunta: " Que é o homem mortal para que te lembres dele?" Isso mostra que o ser humano relaciona-se com Deus. Deus preocupa-se com o homem. Por isso, sua vida está destinada a relacionar-se com Deus. A Bíblia inteira exorta o ser humano a, cada vez mais, se relacionar com Deus. Somente quando o homem relaciona-se com Deus pode ele viver plenamente. É nesse sentido que se diz que o homem medieval entendia Deus como o eixo em torno do qual gira a vida humana. Ser imagem e semelhança de Deus não é somente ser parecido com Deus. É, sobretudo, ser capaz de se relacionar conscientemente com Deus e buscar Nele o sentido da vida humana. Em vários momentos a Bíblia chama Deus de *Senhor*. Se Deus é o Senhor, é porque Ele domina a vida. O homem medieval reconheceu em Deus o Senhor de sua existência.

Por um lado, o homem medieval reconheceu o ser humano como "senhor" da criação; por outro lado, ele se viu dependente de Deus, pois somente Deus é o Senhor da criação. Por isso, o homem medieval entendeu o ser humano como *criatura* de Deus: uma criatura superior às outras criaturas, mas, ainda assim, o ser humano é uma criatura. Ser criatura significa ser dependente de Deus. Para o homem medieval, todo ser humano depende de Deus. Sem

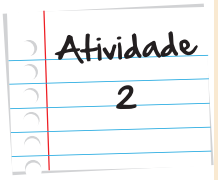
Deus, a vida humana é pura infelicidade. Com Deus, o homem atinge sua felicidade suprema. Nele, o homem medieval encontrava socorro, alegria, força, paz, perdão, salvação, amor. Sem a dependência de Deus, o ser humano não seria ninguém. Essa dependência do ser humano em relação a Deus foi expressa pelo pintor Michelangelo, na famosa pintura *A criação de Adão* (1511).

Figura 3: A Criação de Adão, de Michelangelo Buonarroti, por volta de 1511. A pintura figura no teto da Capela Sistina.

A imagem é clara. Deus está sobre a Terra. Acabou de criar Adão. Deus está pairando sobre a Terra, o que é um sinal de superioridade. Adão, desprotegido, sem roupa, só existe porque Deus o criou. Sem Deus, Adão não seria ninguém, um puro nada, sem qualquer existência. Criatura de Deus, Adão necessitará sempre se relacionar com Ele para que sua vida seja plena e feliz. Justamente isto exige do homem *fé*. O homem medieval entendeu o ser humano como um ser que deve ter fé. Se os gregos antigos valorizaram a razão humana, o homem medieval, além da razão, valorizou a fé. Segundo os medievais, a fé leva o homem para uma dimensão mais elevada que aquela que a razão atinge. Isto acontece sobretudo de duas maneiras. Em um primeiro momento, o homem medieval entendeu a fé como o ato de acreditar na revelação de Deus presente na Bíblia. Crer é acreditar naquilo que a Bíblia diz como sendo Palavra de Deus. É claro que a Bíblia afirma várias coisas que a nossa razão por si só não conseguiria alcançar. A Bíblia fala que o Mar Vermelho se abriu por causa de Deus. Só conseguimos saber disso por meio da Bíblia e não porque nossa razão descobriu isto através de sua atividade. A Bíblia diz que Jesus multiplicou pães e peixes. Como nossa razão conseguiria entender este milagre? É a fé que leva o homem a alcançar este conhecimento que a razão sozinha não conseguiria saber. Este conceito de fé orientou toda Idade Média. A fé leva o homem a conhecer algo mais elevado que aquilo que é conhecido pela razão. Mas isso não quer dizer que o homem medieval desconsiderasse a razão humana. Pelo contrário. Para ele, o ser humano deveria sempre usar a razão para explicar melhor aquilo que a fé conhece. Por isso, afirmou Santo Anselmo (1033-1109): "Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender(...) creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender" (ANSELMO, Santo, 1979). Em outras palavras, para o ho-

mem medieval, a fé deve orientar a razão, para que a razão possa explicar aquilo que o homem crê.

Mas, a fé não se reduz ao conhecimento de coisas que estão além da razão. Ela diz respeito à vida humana concreta. O homem de fé vive de modo diferente. Experimenta na sua existência o que a Bíblia chama de *salvação*. Paulo chega a afirmar: "o homem é justificado pela fé" (Romanos 3, 28). Pela fé, o homem não pensa em Deus, mas sente Sua presença em sua existência. Por isso, a fé decide o destino da vida humana e possibilita a ele uma vida de plenitude, que a Bíblia chama de *bem-aventurança*. O homem medieval orientava-se por esses dois conceitos de fé. De qualquer forma, para ele, a razão humana deveria servir à fé e a fé deveria colocar o homem a serviço de Deus. Somente assim, o ser humano assumiria sua essência de imagem e semelhança de Deus.



A seguir, reproduzimos a imagem da escultura "O êxtase de Santa Tereza", do escultor italiano Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Nele, um anjo está lançando uma flecha no coração de Santa Tereza, mística católica do século XVI. Conta a lenda que o êxtase de Santa Tereza foi precedido pelo seguinte diálogo entre ela e o anjo:

– Teresa... – disse-lhe a voz do ser iluminado que lhe aparecia à frente.

– Chegou a minha hora senhor?

– Não, venho aqui para encher o teu vazio, já o tens sentido há algum tempo. Deus ouviu as tuas preces e encarregou-se de me enviar para te ajudar.

Teresa, um pouco incrédula com a situação, esfregou os olhos para tentar acordar daquilo que só podia ser um sonho, mas não resultou, o ser iluminado ainda se encontrava à sua frente.

– E como pensas encher o meu vazio?

– Deus entregou-me esta lança para que possa satisfazer o teu mais eterno desejo.

O Êxtase de Santa Teresa

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ecstasy_St_Theresa_SM_della_Vittoria.jpg

Atividade 2

Com o auxílio do diálogo reproduzido, diga por que a concepção de ser humano manifestada na escultura sobre o Êxtase de Santa Tereza diz respeito àquela concepção desenvolvida pela Idade Média.

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 3
O homem moderno: centro do universo

Acabamos de falar sobre o homem medieval. Para ele, Deus é o centro do universo. Isso porque o homem é criatura de Deus, ou seja, o ser humano não seria ninguém se Deus não o tivesse criado. Por isso, seu ser depende de Deus, mas Deus não depende do seu ser. Esse pensamento está hoje em dia expresso em alguns adesivos que muitos motoristas colocam em seus carros. Um deles diz assim: "Você sem Deus não é nada. Deus sem você é Deus". De forma

semelhante a esse pensamento, o homem medieval deveria cada vez mais assumir a sua dependência de Deus. Isto é a tarefa da fé: entregar-se a Deus inteiramente. Por outro lado, vimos também que a fé, ao crer na Bíblia (Palavra de Deus), informa ao homem algumas verdades que sua razão sozinha não alcançaria. Nesse sentido, a fé leva a razão a uma dimensão mais elevada que aquela que ela mesma acessa. Isso foi válido na Idade Média. No entanto, hoje já não é bem assim. Podemos crer em Deus e ser cristãos. No entanto, o modo como o cristianismo entende o homem (e a realidade) já não é único. Há diversos outros modos de entender a vida e o próprio homem que possuem atualmente mais capacidade de orientar o ser humano. Se, na Idade Média, quando alguém era julgado por um juiz, este deveria levar em conta sobretudo as verdades de fé da Igreja; hoje, se houver uma caso de assassinato, ninguém leva em conta se o assassino estava ou não possuído pelo demônio. Na Idade Média, era comum (por exemplo, na **Inquisição**) se falar em demônio, quando alguém era julgado. Podemos pensar em outro exemplo. Se hoje em dia houver um caso de epilepsia em nossa família, procuramos primeiramente um médico para entender o que está acontecendo e para prestar socorro. Na Idade Média, era mais comum a procura de um padre, pois, o que hoje é para a gente uma doença era, para os medievais, uma possessão demoníaca.

Inquisição

O termo inquisição refere-se de modo geral ao conjunto de instituições e instrumentos de caráter judicial criados para combater as heresias no mundo católico medieval. As heresias caracterizam-se como doutrinas contrárias ou diferentes de um sistema doutrinal ortodoxo. Por exemplo, se a afirmação da Trindade é aceita como um dogma do catolicismo cristão, qualquer doutrina pretensamente cristã que ouse negar o dogma da Trindade será considerada herética.

Essa mudança de entendimento se deve ao surgimento da modernidade. A modernidade é justamente uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem moderno passa a compreender o ser humano de um modo novo. Apesar de existirem igrejas e de a Filosofia ser estudada nas escolas e faculdades, aos poucos, não terá tanto valor a concepção antiga de ser humano como animal racional (alma imortal e corpo mortal) ou de criatura de Deus. Cada vez mais o homem medieval irá pensar o ser humano como *sujeito autônomo*. O homem moderno não será mais a "coroa da criação", como na Idade Média. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um "pequeno Deus", pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política; pode afastar a morte através da medicina – tudo isso era, anteriormente, obra de Deus (ou dos deuses, no caso dos gregos e romanos). Agora, o destino das coisas e do mundo passa a estar nas mãos do homem. Se a Idade Média é *teocêntrica* – Deus é o centro de tudo –, a modernidade é *antropocêntrica*: o homem é o centro de tudo. Vamos estudar alguns aspectos valorizados pelo homem moderno no ser humano, ou seja, vamos estudar o modo como o homem moderno entendeu a natureza humana.

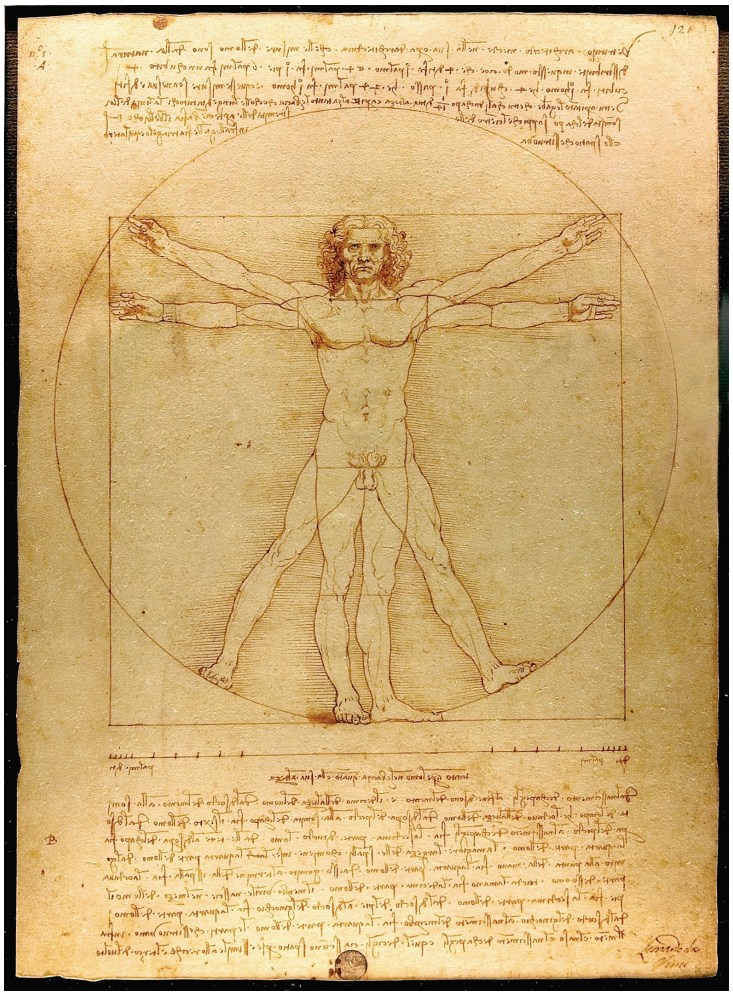


Figura 4: O *Homem Vitruviano* de Leonardo da Vinci (por volta de 1490). O desenho de Leonardo é inspirado em uma passagem de uma obra da Antiguidade, o tratado *De Architetura*, de Vitrúvio. No terceiro livro de sua obra Vitrúvio dedica-se à descrição das proporções do corpo humano. O *Homem Vitruviano* é uma tentativa de Leonardo de esboçar essas proporções e ilustra um novo tipo de preocupação do pensamento europeu, que aos poucos distancia-se de Deus e passa a ter como tema o homem.

O homem moderno é insubmisso, ou seja, ele não se submete a nenhum controle. Por isso, ele não "abaixa a cabeça" para as autoridades do seu tempo. Toda tradição antiga, baseada no poder da Igreja e no poder da monarquia (rei e nobreza), passa a ser questionada. A modernidade é a época de inúmeras revoluções: Revolução Científica, Revolução Francesa, Revolução Industrial. Toda autoridade antiga passa a ser questionada. Não importa se as coisas são do jeito que são porque a Igreja diz que devem ser assim. O homem moderno quer saber se ele mesmo pode dizer o porquê das coisas. Isso mostra uma primeira característica do homem moderno: a separação entre fé e razão.

Diferentemente da Idade Média, o homem moderno não conjuga fé e razão e não acredita que a fé deve levar a razão a um nível que ela, por si mesma, não alcançaria. Se a fé estava atrelada à Igreja e aos seus conhecimentos e dogmas, o homem moderno vai querer libertar a razão do jugo da fé. Isto significa que, para a modernidade, a razão deveria lutar contra o poder de dominação da Igreja e de seus conhecimentos. Por isso, a modernidade, cada vez mais, luta contra o poder da Igreja. Hoje em dia, isso aparece com mais clareza. Nós não perguntamos o que as igrejas cristãs pensam para lidarmos com diversos problemas da vida atual. O nosso governo não é obrigado a acatar o que as igrejas querem, só porque elas querem algo. Em nossas escolas, as crianças e adolescentes não aprendem, nas aulas de biologia, a doutrina da criação do universo em sete dias, mas aprendem a teoria da evolução de Darwin.

Se estivéssemos na Idade Média, seríamos proibidos de falar em evolução das espécies. Isso mostra o quanto a Igreja perdeu poder em nossa cultura. Isto é assim por causa da modernidade.

A política moderna também é marcada por um claro desejo de libertação. A sociedade antiga era organizada por um tipo de poder que era considerado sagrado. Considerava-se os reis como escolhidos por Deus. A pobreza era resultado da vontade divina. As classes sociais também eram desejadas por Deus. Havia, portanto, uma autoridade divina que justificava as injustiças sociais. O homem moderno, aos poucos, começa a lutar contra esta ordem. Os governos passam a ser formados pela vontade dos indivíduos: os cidadãos. Não há nenhum poder que seja eterno, pois todo poder tem de ser construído por meio da participação do povo. Ao mesmo tempo, quem cria as leis não é a fé religiosa, mas a razão humana. Cada vez mais surgem países que assumem regimes democráticos e retiram do poder reis e nobres. As revoluções surgem por todos os lados, para destruir as bases das velhas políticas. Tudo o que se relaciona com opressão e controle passa a ser questionado pelo homem moderno. Isso significa que a modernidade entende o ser humano de modo diferente do modo como os gregos e medievais entenderam.

Para os gregos, o homem, enquanto animal racional (corpo e alma), deveria orientar-se pela razão e seguir as leis que governam sua natureza e o mundo. Essas leis seriam encontradas através da razão. Já os medievais, como vimos, consideraram o ser humano como criatura de Deus. Os homens deveriam se submeter a Deus pela fé e pelo seguimento da autoridade da Bíblia. Tanto os gregos quanto os medievais achavam que o ser humano deveria se submeter a alguma autoridade previamente instituída: ou Deus ou a natureza humana. Para os gregos, a natureza humana contém uma ordem e uma finalidade que podem ser captadas pela razão e seguidas por cada indivíduo. Já os medievais acreditavam que Deus instituiu leis que devem ser seguidas, para que o ser humano seja salvo e conquiste o céu.

O homem moderno é diferente. Não se submete a nenhuma autoridade que não tenha sido criada pela razão. O homem se torna o autor das leis que explicam o mundo e que orientam suas ações. A natureza passa a se submeter à razão humana. Mas, como os modernos entendem a natureza do ser humano, para que consigam atribuir a ela tanto poder? Resposta: na modernidade, o ser humano não é o animal racional grego, também não é a criatura de Deus dos medievais, mas o ser humano é considerado *sujeito*. Vejamos o que isto significa.

Em nosso dia a dia, aplicamos a palavra sujeito sempre a pessoas humanas. Por exemplo, um policial diz: "Ali está um sujeito suspeito"; "O sujeito de camisa branca está andando na contramão". Do mesmo modo, alguns homens dizem: " Eu sou sujeito homem". Não dizemos hoje que uma pedra é um sujeito ou que um cachorro seja um sujeito. Sujeito é uma palavra que se usa para falar do ser humano. Se fosse na Idade Média, as coisas seriam diferentes. Para os medievais, a pedra, Deus, os anjos, todos eles eram sujeitos, assim como o ser humano. Sujeito era uma dimensão presente em todos os seres. Mas, para os modernos, sujeito é um termo que se aplica somente ao ser humano. Isto não é assim à toa. Todos nós já ouvimos uma frase famosa do filósofo Descartes (1596-1650): "Penso, logo existo". Pode-se dizer que esta frase sintetiza o espírito da modernidade. Através dela conseguimos entender por que o homem moderno pensa o ser humano como sujeito. Descartes, assim como todo pensamento moderno, tinha duvidado de todo conhecimento da tradição filosófica. No seu tempo, a ciência moderna estava nascendo, mas não se sabia muito bem como justificar filosoficamente essa ciência. Por isso, Descartes passa a duvidar de tudo e caminha em direção a

um conhecimento que não possa ser duvidado. Desse modo, Descartes queria conquistar um novo fundamento para o pensamento filosófico. Qual seria esse fundamento que não poderia ser posto em dúvida?

Podemos duvidar de tudo. Podemos duvidar de que estamos acordados, pois, quando sonhamos, em meio ao sonho, não sabemos que estamos sonhando. Basta pensar em nossos pesadelos. Se estamos tendo um pesadelo, só ficamos desesperados, se achamos que o que está acontecendo no pesadelo é verdadeiro. No entanto, aquilo tudo é ficção. Podemos, então, estar sonhando, quando achamos que estamos acordados. Desse modo, Descartes diz que podemos duvidar de se estamos acordados. Podemos também duvidar dos nossos sentidos: paladar, olfato, tato, audição e visão. Quando vemos uma barra de ferro dentro de um balde de água, achamos que a barra está torta e, na verdade, ela está reta. Podemos supor que nossos sentidos nos enganam sempre. Por outro lado, podemos também pensar que estamos sempre pensando algo que seja ilusório. Descartes chega a propor a ideia que pode existir um demônio nos enganando 100% do dia, nos fazendo pensar algo que é pura ilusão. Se pensarmos que podemos estar sendo enganados a todo momento, há algo que não podemos duvidar. Quando estamos iludidos, estamos pensando e quando pensamos, por mais que estejamos enganados, não podemos duvidar de que nós existimos. Daí a frase: "Penso, logo existo". O critério para chegarmos a esta descoberta é que algo só é verdadeiro se for evidente, ou seja, se a razão humana não puder colocar em dúvida. Tudo o que o homem conhece – inclusive Deus – como evidente é verdadeiro. Com esse tipo de entendimento, o homem é sujeito e a realidade que ele conhece é objeto. Por isso, para o homem moderno, o ser humano é essencialmente sujeito: nele está o critério da verdade dos objetos (evidência) e, sem ele, a realidade não pode ser considerada verdadeira ou falsa.

O que interessa observar é que, quando nos consideramos sujeitos, e as coisas, objetos, estamos dizendo que nada do que for evidente para a razão humana pode ser considerado verdadeiro. A consequência disso é clara: as ciências modernas são evidentes, logo são verdadeiras. As artes não são evidentes, logo não podem ser levadas a sério, pois não são portadoras de verdade. O que a Igreja diz não é evidente, logo não pode ser comparado às ciências, que são portadoras da verdade. Os governos autoritários monárquicos não podem ser justificados racionalmente, logo não podem ser considerados verdadeiros. Considerado sujeito, o homem, através da razão, passa a dominar a realidade, que é um conjunto de objetos. Cria as ciências, que ajudam a controlar a estrutura dos objetos, arrancar deles suas energias e colocá-las a serviço do ser humano. Cria a técnica, que faz com que os homens possam transformar a natureza segundo sua vontade. Com a técnica e ciência, o homem moderno prevê chuvas, constrói pontes, produz carros, prevê doenças, cria prédios que o protegem de chuvas e alagamentos. É assim que o homem se transforma em centro do universo. Ser sujeito é sujeitar, ou seja, dominar todos os seres por meio da razão e colocar tudo à disposição do ser humano.

Atividade 3

O pintor renascentista holandês Hans Holbein, o jovem, pintou, em 1533, o quadro "Os embaixadores". Na tela, vemos um navegador e um padre diante de uma série de instrumentos que apontam para profissões ligadas ao mundo dos profissionais liberais: um globo terrestre, uma viola, instrumentos de medição. Além disto, vemos no primeiro plano, de maneira algo distorcida, uma caveira. Tudo isto nos fala sobre a vida e sobre a morte de uma forma não mais ligada ao eterno. A partir da análise da tela reproduzida a seguir, diga qual a concepção de ser humano que está representada na tela e justifique sua resposta.

Os embaixadores de Hans Holbein, o jovem (1533).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eug%C3%A8ne_Delacroix_-_La_libert%C3%A9_guidant_le_peuple.jpg

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 4
O homem contemporâneo: ser social e de desejos

Vivemos hoje em um outro momento da história. Já não acreditamos mais no tipo de homem pensado pela modernidade. Por mais que muitas vezes falemos que somos sujeitos, não acreditamos que essa palavra signifique a mesma coisa pensada pelos modernos. Por quê? Não há uma resposta isolada, mas muitas possíveis respostas. Primeiramente, não há como pensar que somos um ser que possa ser pensado como o centro do universo. Cada vez mais nós percebemos que somos seres dependentes. Não somos sujeitos acima das coisas. Não somos seres desconectados da realidade. Nossa vida está entrelaçada com diversos outros seres. Os filósofos contemporâneos, de diversos modos, mostraram que a nossa natureza ou o nosso ser é formado pelas relações sociais em que vivemos. Apesar de os filósofos gregos, como Aristóteles (384-322 a. C.), terem afirmado que o ser humano é um ser social, eles acreditavam que nós temos uma essência igual a dos demais seres humanos: somos animais racionais. Vejamos dois pensadores que nos ajudam a compreender como nós, contemporâneos, compreendemos o ser humano.

O primeiro pensador é Karl Marx (1818-1883). Marx mostrou que o nosso ser é formado pelo lugar social que ocupamos e pelo que nós produzimos nesta mesma sociedade. Se somos pobres, o nosso ser é diferente do ser dos ricos. Do mesmo modo, se somos negros pobres, somos diferentes dos negros ricos. Quem vive em uma favela do Rio de Janeiro, vê a vida de um modo diferente dos ricos que moram nessa mesma cidade. Basta pensar que aqueles que vivem nas ruas possuem corpos, doenças, desejos, medos, valores diferentes daqueles que são de classe média. Por outro lado, Marx mostra que nós nos construímos por meio daquilo que produzimos em nossa sociedade. Se trabalharmos como pedreiros 14 horas por dia, nosso ser será diferente daqueles que são jogadores de futebol e treinam 3 horas por dia. Mas, isso não significa que todo pedreiro seja igual. Se o pedreiro viver em um país rico, como a Alemanha, e tiver boas condições econômicas, ele será diferente de um pedreiro que mora no Brasil, que precisa trabalhar umas 10 a 12 horas por dia para receber um salário mínimo por mês. Ora, como as sociedades se transformam, mudam os seres humanos que nelas vivem. Por isso, todo ser humano é histórico: as pessoas se renovam com as transformações da sociedade e a sociedade muda quando as pessoas a transformam.

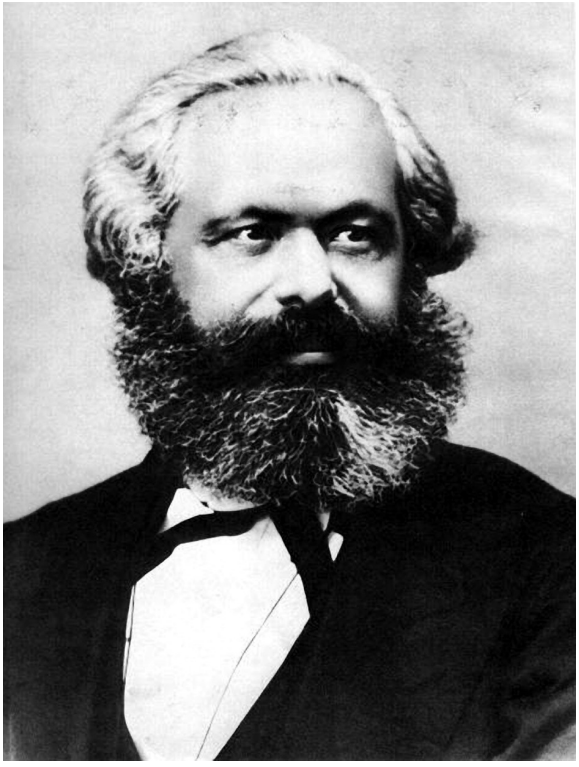


Figura 5: Karl Marx.
Foto de 1867.

Se por um lado, somos seres sociais, por outro, não somos totalmente racionais e conscientes. No século XX, Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano não é essencialmente racional. Freud mostrou que o que orienta o homem são desejos inconscientes. Estes desejos buscam sempre o prazer. No entanto, a cultura em que vivemos regula os nossos prazeres. Por exemplo, uma criança deseja andar nua na rua. Os pais, entretanto, não permitem que ela se comporte desse modo. Isso porque a cultura e a sociedade em que eles vivem não permitem que se ande nu nas ruas. Desse modo, as normas sociais e culturais orientam a maneira com que conduzimos os nossos desejos inconscientes. A nossa consciência, então, é criada através da relação do nosso inconsciente com a cultura da qual fazemos parte. Mesmo assim, Freud mostra que os nossos desejos inconscientes não vão embora por causa das leis sociais. Independente do modo como pensamos, o nosso inconsciente muitas vezes deseja o contrário do que aquilo que a nossa consciência diz que deve ser desejado. Por mais que a nossa consciência diga que não devemos desejar sexualmente pessoas casadas, muitas vezes, inconscientemente, nós as desejamos. Outro exemplo: sabemos que não podemos comer comidas gordurosas, mas geralmente são os alimentos mais desejados por nós. Isso mostra que todo o ser humano vive uma grande cisão (divisão). Por um lado, somos seres orientados pelos desejos inconscientes, que buscam prazer. Por outro lado, nossa consciência é formada pelo modo como assimilamos as normas da nossa cultura e da nossa sociedade. Grande parte das vezes, a nossa cultura não permite que realizemos os nossos desejos e, por isso, ficamos frustrados. Orientados pelo inconsciente, não é a razão que nos determina, como pensaram os modernos. Somos seres que desejam e não somente seres que pensam. Nossos pensamentos são orientados pelos nossos desejos e não o contrário.

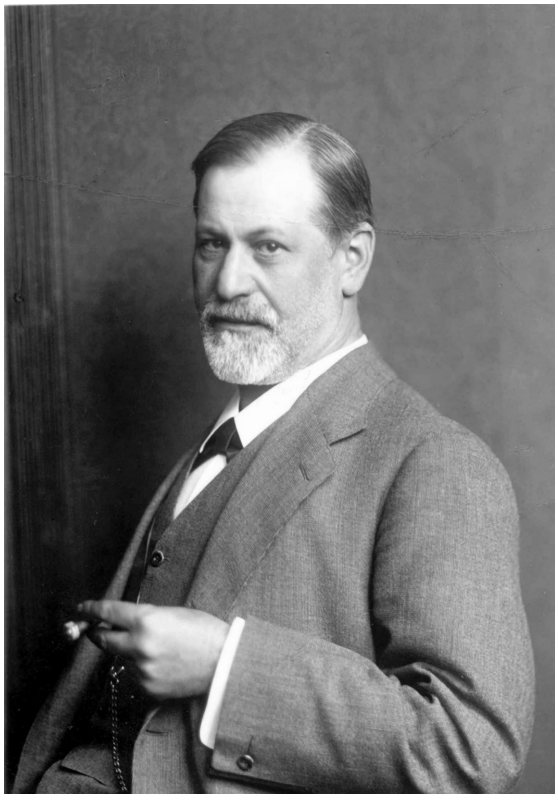
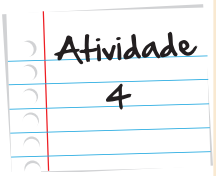


Figura 6: Sigmund Freud em 1900.

Esses dois pensadores (Marx e Freud) nos mostram que o pensamento contemporâneo desconstrói a autonomia da razão humana e mostra que os seres humanos são formados por elementos não racionais mais fundamentais que a própria razão. Nossos desejos e nosso lugar social são mais essenciais do que a nossa razão. Os nossos pensamentos dependem dos nossos afetos (desejos), do lugar que ocupamos em nossa sociedade e da função que nela desempenhamos. Como os nossos desejos são realizados de acordo com a sociedade em que vivemos, nós não somos sujeitos acima das nossas relações sociais, mas nosso ser depende dos laços sociais e culturais onde vivemos. Isto mostra que não nascemos prontos, não temos uma essência imutável. Quem nós somos depende da sociedade em que vivemos, da função que nela desempenhamos e dos desejos que nos orientam. Nada há de pronto em nós. Somos produzidos historicamente.



A seguir, reproduzimos, em parte, o poema "Operário em construção", de Vinícius de Morais. Ele fala sobre um operário que, aos poucos, descobre que é por causa do seu trabalho que as principais construções da cidade foram criadas, ao mesmo tempo que descobre que seu trabalho é explorado pelo "patrão". Eles são diferentes por causa da classe social que ocupam. Após a leitura da trecho a seguir, reproduzido do poema, interprete, segundo o que estudamos de Marx, qual a compreensão de ser humano que orienta o texto de Vinícius de Moraes.

(…)

Ah, homens de pensamento

Não sabereis nunca o quanto

Aquele humilde operário

Soube naquele momento

Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

De que sequer suspeitava.

O operário emocionado

Olhou sua própria mão

Sua rude mão de operário

De operário em construção

E olhando bem para ela

Teve um segundo a impressão

De que não havia no mundo

Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro dessa compreensão

Desse instante solitário

Que, tal sua construção

Cresceu também o operário

Cresceu em alto e profundo

Em largo e no coração

E como tudo que cresce

Ele não cresceu em vão

Pois além do que sabia

– Exercer a profissão –

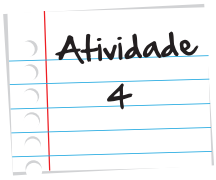
O operário adquiriu

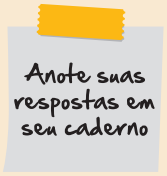
Uma nova dimensão:

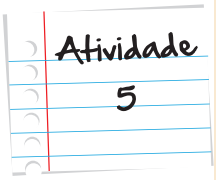
A dimensão da poesia.

(…)

(Texto disponível em www.astormentas.com/vinicius.htm)

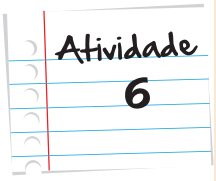






Por que o homem contemporâneo não se considera um sujeito autônomo? Como a psicanálise e o pensamento de Marx ajudaram a desconstruir a imagem moderna de ser humano?

Anote suas respostas em seu caderno



Faça um quadro diferenciando as concepções estudadas (homem grego, homem medieval, homem moderno e homem contemporâneo) de ser humano ao longo da história da filosofia e diga quais suas principais características.

Anote suas respostas em seu caderno

Resumo

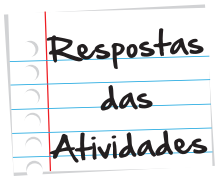
Pelo que vimos, nós seres humanos nunca conseguimos compreender de modo absoluto quem somos. Em cada momento da história do Ocidente e da História da Filosofia, os homens se compreenderam de uma determinada maneira. Animal racional, criatura de Deus, ser que deve ter fé, sujeito racional autônomo, ser social, ser que possui desejos inconscientes – eis algumas definições de ser humano criadas pela História da Filosofia. Pode-se ver, então, que o ser humano é profundamente misterioso. Podemos ainda acrescentar outros elementos que pertencem ao ser humano e que foram destacados ao longo da história: ser que possui emoções, ser religioso, ser lúdico, ser artístico, ser cultural. Por mais que o homem possa ter diversas definições, nenhuma delas esgota a sua riqueza. Podemos dizer que o homem é um eterno enigma para si mesmo. Nunca ele se sentirá satisfeito com os conceitos e definições que ele cria para entender a si mesmo. Talvez sua maior definição seja: o homem é um ser indefinível.

Referências

- A BIBLIA SAGRADA. São Paulo: SBB, 2003.
- ANSELMO, Santo. *Proslógio*. In: Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FREUD, Sigmund. *Freud*. In: coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GILSON, Etienne. *O espírito da Filosofia medieval*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HRYNIEWICZ, Severo. *Para filosofar*: Introdução e História da Filosofia. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1998.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

Imagens

- Figura 1: Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jupiter_Smyrna_Louvre_Ma13.jpg
- Figura 2: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Plato-raphael.jpg
- Figura 3: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:God2-Sistine_Chapel.png
- Figura 4: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_vitruviano
- Figura 5: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marx1867.jpg
- Figura 6: Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Freud_ca_1900.jpg



Atividade 1

1) Os gregos entendiam o ser humano como uma totalidade estruturada por dois elementos: o corpo e a alma. O corpo é responsável por relacionar o ser humano com o mundo transitório: o mundo das coisas que nascem e morrem. Já a alma é possuidora de razão e, por isso, pode conhecer uma dimensão essencial dos seres, que não é transitória;

2) Corpo e alma são essenciais porque sem eles não se explica o modo como o ser humano relaciona-se com o mundo das transformações e o plano das verdades eternas. Estas duas dimensões humanas não podem deixar de existir sem que o homem deixe de ser ele mesmo. Por isso, corpo e alma são essenciais.

Atividade 2

O homem medieval entendia o ser humano como imagem e semelhança de Deus. Neste sentido, a essência do ser humano só pode ser entendida em relação a Deus, pois Deus não somente é o criador do mundo e do homem, como é também aquele que preserva e sustenta como ser, além de garantir a cada um deles os meios de realização de suas naturezas. Neste sentido, o dialogo de Tereza d'Ávila com o anjo mostra que ela irá receber do anjo a luz divina da qual ela carece para realizar o ser, alcançando a sua plenitude. Somente na concepção medieval de ser humano pode-se pensar que a mensagem do anjo faz sentido e traz plenitude ao homem.

Respostas das Atividades

Atividade 3

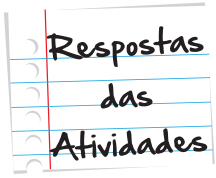
A tela traz à tona dois homens rodeados de instrumentos científicos modernos. O primeiro deles, que está à esquerda do quadro, é o protótipo do homem moderno. Está com as vestes do conquistador moderno. Isto é o sinal de que o homem moderno investigou e controlou diversos fenômenos naturais e passou a concretizar o ideal de progresso que o orientava. Isto só é possível porque a época moderna é o momento em que o ser humano, por meio das ciências, se arroga o posto de controlador e explorador da realidade. Já o homem à direita é o padre, que representa o homem medieval que está sendo substituído pela modernidade, pois nela o homem não é mais imagem e semelhança de Deus, mas sujeito controlador dos objetos.

Atividade 4

Para Marx, o ser humano é fruto das atividades produtivas que desempenha. Por isso, o lugar que ocupa na sociedade em que vive e o trabalho que desempenha são essenciais para se compreender quem é cada ser humano. Neste sentido, o poema de Vinícius de Moraes mostra que o operário compreendeu que por meio dele uma realidade nova surgia, mesmo que não fosse usufruir daquilo que foi por ele criado. Contudo, quando ele se conscientizou disso, algo novo nascia para ele, pois geralmente o operário não percebe que o que ele produz surge dele, porque seu trabalho é fruto da exploração do seu "patrão". Ao se conscientizar de que o produto vem das mãos do operário, ele pode lutar por novas condições não exploradoras de vida.

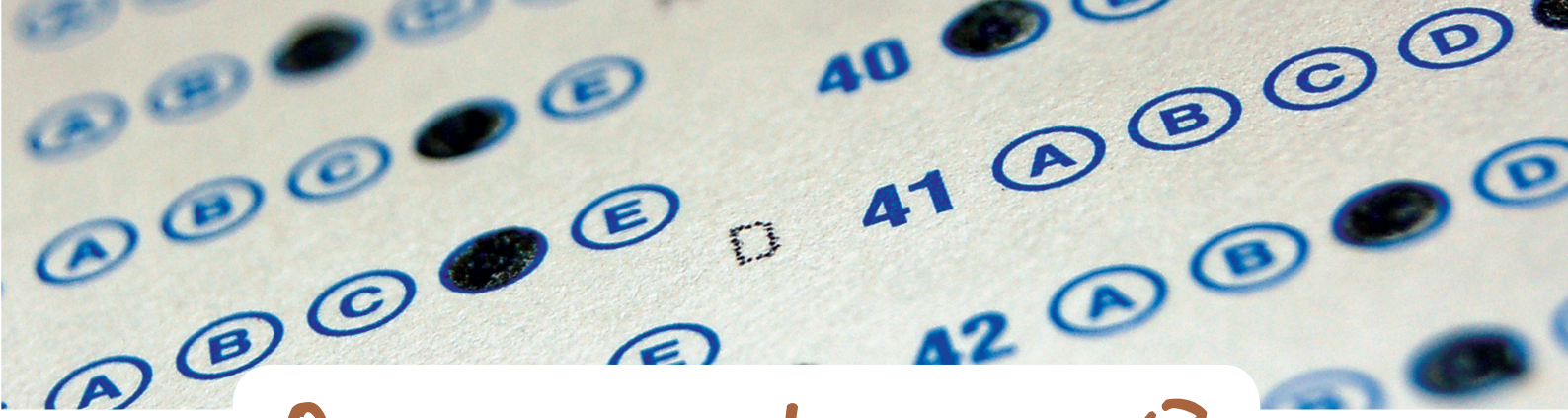
Atividade 5

O homem contemporâneo percebeu que diversos elementos maiores que sua consciência atravessam e determinam o seu ser. No caso de Freud, o inconsciente é mais profundo que a razão e a orienta. Com Marx, as relações sociais e as relações econômicas orientam o que pensamos e o modo que vivemos. Ou seja: Marx e Freud mostraram que a razão não é autônoma.



Atividade 6

Homem grego	Animal racional; A alma conhece a verdade não transitória e o corpo conhece o mundo transitório.
Homem medieval	Homem é imagem e semelhança de Deus; Deus é o princípio sustentador dos seres e realizador da natureza humana.
Homem moderno	Considerado sujeito e a realidade é o conjunto de objetos; Controlador e explorador da realidade por meio das ciências.
Homem contemporâneo	Não é mais considerado o centro do universo, nem o dominador da realidade; Ser não autônomo, pois é determinado por elementos não racionais, como o inconsciente e a base econômica da sociedade.



O que perguntam por aí?

Questão 1 – (ENEM 2009)

O filósofo Karl Marx afirmou que "Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo". (Karl Marx. *Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Hucitec, 1991). Essa "mudança do mundo" significava, para ele, a transformação das condições sociais e econômicas dos seres humanos. Qual é a concepção de ser humano que determina esta frase de Marx?

a. O homem é um animal político.

b. O homem é um ser social.

c. O homem é criatura divina.

d. O ser humano é absolutamente livre.

e. O homem é um ser de desejos.

Gabarito: B

Questão 2 – (UFC 2010)

O filósofo René Descartes (1596-1650) afirmou, na sua obra *Discurso do método*, que o homem deve ser mestre e dominador da natureza. Por que este pensamento retrata o ideal de ser humano da modernidade?

a. Porque na modernidade o homem se considera um objeto especial.

b. Porque na modernidade o ser humano não respeita a ecologia.

c. Porque na modernidade o ser humano nada mais é que um sujeito que domina a realidade através do conhecimento Porque o homem moderno é irracional e age como destruidor do mundo.

d. Por causa das empresas capitalistas que necessitam destruir a natureza para aumentar sua produção.

e. Porque a modernidade pensa o ser humano como indivíduo isolado.

Gabarito: C

Questão 3 – (ENEM 2011)

No início da sua obra *Confissões*, Santo Agostinho escreveu: "O homem, fragmentozinho da criação, deseja louvar-vos; o homem que publica sua mortalidade, arrastando o testemunho de seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós" (Agostinho, *Confissões*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/São Francisco, I, cap. I). Trata-se de um pensamento que conecta Deus e homem. Esse pensamento se tornará característico de toda Idade Média. Qual o termo que melhor define esta característica do pensamento medieval-cristão?

a. Teocentrismo.

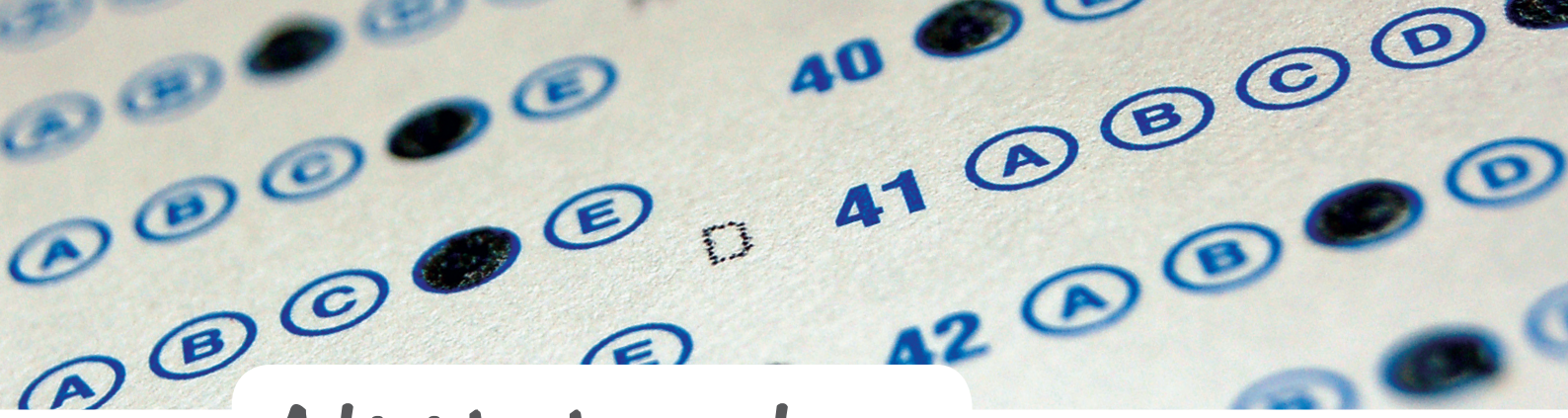
b. Antropocentrismo.

c. Heliocentrismo.

d. Medievalismo.

e. Cosmocentrismo.

Gabarito: A



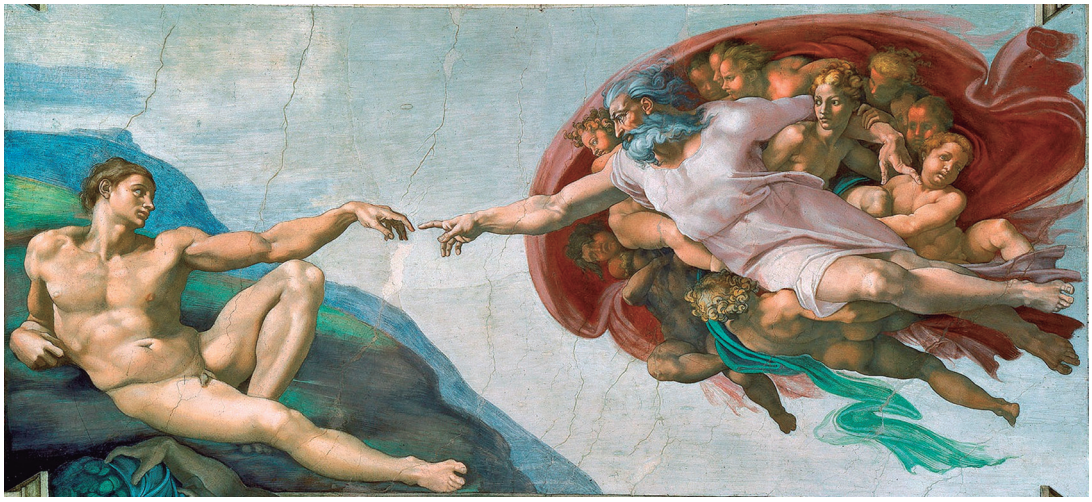
Atividade extra

Questão 1

Platão foi o primeiro pensador conhecido a estabelecer a dicotomia corpo/alma para explicar o que é o Homem. Identifique, em Teoria das Ideias, como tal **dicotomia** é fundamentada no pensamento do filósofo.

Dicotomia
Divisão em duas partes, oposição entre duas coisas.

Questão 2



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Creaci%C3%B3n_de_Ad%C3%A1n_(Miguel_%C3%81ngel).jpg

Ao longo da História, desenvolveram-se diferentes concepções míticas, religiosas, filosóficas e científicas em relação ao Homem, cada uma com sua própria explicação sobre nossa origem, transcendência e sentido da vida. De que maneira o homem era pensado na Idade Média?

Questão 3

O homem, segundo o pensamento medieval, é criado por Deus. Assim, Deus é quem dita as leis que governam a sua vida. Em relação a essa situação, o que muda na Idade Moderna?

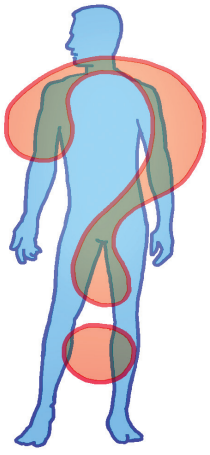
Questão 4

Karl Marx e Freud, pensadores contemporâneos, desconstroem a ideia do homem enquanto sujeito autônomo, acima das coisas. Quais são os argumentos de que os dois se utilizam para sustentar tal afirmação?

Questão 5

"Podemos dizer que o homem é um eterno enigma para si mesmo. Nunca ele se sentirá satisfeito com os conceitos e definições que ele cria para entender a si mesmo".

Com base em seus estudos sobre "quem é o ser humano", explique com suas palavras, a afirmação acima.



Gabarito

Questão 1

Assim como o mundo possui uma dimensão transitória e outra permanente, o homem, enquanto um dos seres do mundo, também possui uma dupla dimensão. A dimensão transitória do homem é o corpo e a permanente é a alma.

Questão 2

Diferente dos gregos e romanos antigos, o homem cristão não pensou o ser humano somente através da razão. Para o homem medieval, o ser humano é imagem e semelhança de Deus. A grandeza de Deus, de algum modo, está presente no ser humano. É nesse sentido que o ser humano é a "coroa da criação". Todas as criaturas foram criadas para que o homem as dominasse. Assim como Deus é Senhor e, por isso, está acima de toda criação, o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, foi criado para dominar a criação.

Questão 3

A modernidade é uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um "pequeno Deus", pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política.

Questão 4

Karl Marx mostrou que o nosso ser é formado pelo lugar social que ocupamos e pelo que nós produzimos nesta mesma sociedade.

Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, mostrou que o ser humano não é essencialmente racional. Mostrou que o que orienta o homem são desejos inconscientes, os quais buscam sempre o prazer.

Questão 5

A modernidade é uma nova época da história ocidental, que rompe com muitos aspectos do pensamento antigo e medieval. O homem começa a pensar que ele é o centro do universo. Deus, aos poucos, deixa de ser objeto de preocupação do ser humano. O homem se considera um "pequeno Deus", pois, para o homem moderno, o ser humano pode controlar a realidade através da ciência; pode transformar as coisas por meio da tecnologia; pode criar suas leis através da política.